



O lugar da Região Nordeste de Amaralina em Salvador:

interfaces entre centro e periferia.

Tatiane dos Santos Souza¹

Resumo: O artigo integra a dissertação de mestrado *Cultura e Desenvolvimento Local: a experiência do Viva Nordeste*, defendida em abril deste ano, sob a orientação da Profa. Dra. Lindinalva Rubim. Faz uma reflexão sobre o *lugar* ocupado pelas comunidades populares, afro-descendentes, em Salvador, a exemplo da Região Nordeste de Amaralina. Mostra como a riqueza cultural dessa Região enriquece a cidade, enquanto seus moradores mantêm-se segregados socialmente.

Palavras-chave: Cultura, Cidade, Identidade e Periferia.

Introdução

A cidade como ambiente é um lugar, a cidade é toda uma relação de memória, paixão e racionalidade. Gey Espinheira

Pensar as possíveis relações entre a cidade e as unidades territoriais que a compõem, como bairros e regiões, é traçar um longo caminho, desde quando esse espaço não pode ser tomado como um objeto estático, mas, pelo contrário, deve ser compreendido na diversidade das relações estabelecidas pelos grupos sociais que ali se encontram.

Entender essas relações, propondo interpretações baseadas em elementos culturais, históricos, sociais, políticos ou econômicos, torna-se essencial, ou até obrigatório, quando se pretende avançar no estudo de uma micro-região da cidade, como é o caso da Região Nordeste de Amaralina (RNA). Este espaço, por maior que seja a sua singularidade ou suposta autonomia, está intrinsecamente ligado ao entorno, à cidade-metrópole, ainda que estas relações revelem mais isolamento, que integração, maior passividade, que dinamismo, no contexto da cidade capitalista contemporânea.

Interessa-nos nesse trabalho refletir sobre uma espacialidade alargada, tomada como territórios ou comunidades que conformam a cidade todos os dias na dialética da sobrevivência e da criatividade. Lugares e pessoas que se relacionam, de maneira

¹ Mestranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado da Bahia (FAPESB/CAPES).
tati_souza2004@yahoo.com.br

desigual, com os centros de poder e exprimem uma face quase sempre dissimulada da “cidade da alegria”, longe dos cartões postais, mas intimamente atrelada à essência da cultura baiana, mais propriamente dita, dos insumos simbólicos que dinamizam o turismo e a indústria cultural na Bahia (ESPINHEIRA *in* LIMA, 2002).

A Salvador Contemporânea

No auge dos seus 458 anos, Salvador já comporta cerca de 3 milhões de habitantes², numa área de 707 km². Atraente para os turistas, tanto pela beleza natural, quanto pela riqueza cultural que dispõe, a cidade torna-se cada vez mais perversa com os seus moradores, enquanto disputa um lugar no sistema capitalista globalizado.

Como reflexo de um passado colonial, escravagista, mas também de um crescimento que sempre privilegiou uma pequena parcela da população, certamente abastada e herdeira do sistema sócio-político anterior, a cidade sustenta altos e constantes índices de desemprego, desqualificação profissional, violência, mortalidade, dentre outros.

O que antes dava singularidade a Salvador – a fragmentação do espaço urbano em Cidade Alta e Cidade Baixa –, hoje não sustenta nenhum *glamour*, já que seu traçado, ampliado com a modernização e crescimento populacional, imprimiu uma forma de organização marcada pela segregação social, e por que não afirmar, também racial, definida como periferização.

Territórios de exclusão, tais periferias vivem em situação de quase-cidade em muitos sentidos do termo: na inexistência de serviços urbanos básicos; no quase exílio forçado de parte de sua população que quase nunca vai às áreas comuns e tem acesso aos equipamentos públicos da Cidade da Bahia; na precariedade da vida, marcada, muitas vezes, pela violência, pela ausência de lei, pelo desemprego e por muitas outras mazelas. Enfim, pela vida à margem da cidade, da cidade comum, da cidade compartilhada por seus habitantes (RUBIM *in* LIMA, Op. Cit., p.75).

Geralmente, a cidade mais real em termos sócio-econômicos é a menos atrativa e encantadora em termos turísticos e da construção histórica da “cidade da felicidade”, imagem sustentada pelos meios de comunicação de massa e determinados eventos culturais, importantes do ponto de vista da sociabilidade baiana, mas já modificados devido às características contemporâneas da cidade, qual seja, da metrópole madrasta, superpopulosa, indiferente aos indivíduos e sem infra-estrutura adequada para o seu crescimento.

² Contagem da população 2007 - 2.892.625 (IBGE).

Destacar as periferias ou torná-las o foco da reflexão sobre a Salvador contemporânea tem relação direta com determinados aspectos sócio-culturais, que foram se modificando durante o processo de modernização da cidade e que, ao mesmo tempo, figuram nas comunidades populares, afro-descendentes, como elementos de resistência à dominação cultural e à exclusão social.

Neste sentido, os cultos afro-baianos, a musicalidade, a expressão corporal, e as festas – contribuições das tradições de matriz africana – corroboram na construção do sentimento de pertença e da sociabilidade comunitária ainda presente em determinados grupos sociais periféricos da Cidade da Bahia. Ainda que a cidade moderna passe a representar o espaço privilegiado para a construção das representações cotidianas das pessoas, gerando transformações significativas no modo de vida dessas comunidades (ROCHA, 2004).

Sociabilidade na cidade-metrópole³

Como toda metrópole, Salvador atraiu para seu perímetro e entorno uma grande população imigrante de municípios do interior da Bahia e de outros estados, especialmente a partir da década de 1940, quando se inicia um aquecimento da economia local, com a instalação de indústrias (Pólo de Camaçari e Centro Industrial de Aratu), investimento em energia, com a criação da CHESF e da refinaria de petróleo Landulfo Alves, e infra-estrutura.

Vão se configurando duas realidades paralelas e conflitantes: a cidade avança economicamente e moderniza as estruturas de transporte, energia e saneamento básico, incorporando tecnologias e acelerando gradativamente o seu ritmo, enquanto a grande maioria da população, oriunda de classes populares e com baixa escolaridade, tem poucas oportunidades de inserção nessa sociedade, seja pelo trabalho, pela educação ou pela moradia.

A partir dessa realidade, convivem concomitantemente, mas não de forma harmônica como alguns preferem afirmar, dois tipos de sociabilidade, classificadas por Rubim como societária e comunitária. A sociabilidade societária é definida pelas relações formais, nem sempre presenciais, já que incorpora de maneira significativa os espaços eletrônicos, as redes e a televivência. É marcada pelo ritmo acelerado e o constante trânsito de carros e pessoas de diferentes lugares. Essa sociabilidade é vivenciada nos centros urbanos e bairros ricos da cidade, originando o processo de

³ Termo usado por Albino Rubim no artigo consultado.

“enredamento”, que segundo Castells (1999), é característico da nova sociedade capitalista globalizada.

A sociabilidade comunitária, por sua vez, é “fortemente delineada em seus contornos espaciais e temporais, por conseguinte, impregnada de presencialidade, de coletivismo, de informalidade, de processos de socialização primários e de relações muito personalizadas” (Op. Cit. p.75). Pode-se supor que algumas características reconhecidas no “baiano” típico sejam forjadas nesse segundo tipo de sociabilidade, tais como a hospitalidade, a facilidade de incorporar valores e hábitos diferentes (cosmopolitismo), a alegria e a vocação para a arte.

A cidade-metrópole, no entanto, oprime cada vez mais as comunidades e diminui o espaço de expressão do povo negro, potencializando não a incorporação da sociabilidade societária, mas criando outro tipo de relação, caracterizada pela falta de vínculos sociais.

A desqualificação social gerada pela pobreza e a desigualdade econômica, embora sejam as mais visíveis variáveis para as análises de concentração e desconcentração urbana nos espaços urbanos, se faz necessário colocar em destaque o círculo vicioso a que estão submetidas às populações de baixa renda: o enfraquecimento dos laços sociais e das instituições de socialização: família, escola, igreja etc. (ESPINHEIRA & SOARES, 2006, p.6).

O que os autores acima salientam é a instauração de um processo perverso de marginalização das pessoas, que já nascem “predestinadas” ao fracasso escolar, ao trabalho informal ou ao desemprego, e, tantas vezes, à morte precoce. No caso de Salvador, vale ressaltar, ainda, que a segregação é fruto da discriminação. E “pode-se dizer que esta discriminação possui várias origens, desde à descendência africana e escravidão, até a divisão de classe” (DABROWSKY, 2003, p.183 *in* Op. Cit. p.5).

Dados sócio-econômicos

A socióloga Antônia Garcia comparou em 2001 os índices de desenvolvimento utilizados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) para acompanhar o desenvolvimento do Brasil. Salvador, nas três últimas décadas, tomando os anos censitários de 1970, 1980 e 1991, revelou-se como um dos lugares mais desiguais do sistema, com baixos índices de desenvolvimento com relação à renda, à educação, à saúde, à habitação, etc.

Segundo o Relatório de Desenvolvimento Humano 2004, o Brasil situa-se no 72º lugar no ranking de países com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de

0,775. Esse índice relaciona o desempenho dos países, estados e municípios com relação à Educação, Saúde, Longevidade e Renda. Os dados disponíveis sobre Salvador mostram a capital baiana liderando o ranking estadual com um IDH_M de 0,805.

Comparando outros índices de desenvolvimento de Salvador, pode-se perceber que o município possui um baixo desenvolvimento social e econômico, especialmente relacionado à renda, educação, saúde e serviços básicos.

Também pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, divulgada em 2/03/01, (...) confirma o grau de pobreza da nossa capital. Seus moradores recebem, em média, 1,43 salários mínimos por mês, e têm uma renda familiar média de 6,06 salários mínimos. Segundo a FGV, 80,02% dos trabalhadores de Salvador ganham de um a oito salários mínimos, (...) e somente 9% da população recebem de oito a 12 salários mínimos (GARCIA *in* LIMA, 2002, p.252).

As desigualdades em Salvador, no entanto, não estão atreladas apenas a questões sociais, oriundas do sistema capitalista, mas também raciais. Segundo o economista Luiz Santos, a população negra (pardo e pretos) continua tendo menos oportunidades de inserção no mercado de trabalho, apesar de relativas mudanças nos níveis educacionais.

Os resultados relativos ao final dos anos 90 mostram que a diminuição das posições reguladas não alterou a desigualdade racial existente nesse mercado. Com efeito, os negros permanecem com quase $\frac{3}{4}$ (72,6%) das chances dos brancos para inserção neste setor. (2000, p.18).

Acompanhado o comportamento da economia baiana na última década do século XX, a pesquisa revela que a qualificação profissional começa a interferir mais significativamente no mercado de trabalho em Salvador, sendo mais baixos os índices de desemprego à medida que aumenta a escolaridade. Porém, a População Economicamente Ativa (PEA) branca possui uma média de 10,6 anos de estudo, contra 7,8 anos para negros.

(...) as mudanças recentes no mundo do trabalho têm penalizado ainda mais os trabalhadores negros, à medida que se registra aumento da distância entre as taxas de desemprego dos segmentos raciais. A taxa de desemprego dos brancos cresceu 56,5%, entre 1987-89 e 1997-99, frente ao acréscimo de 72,3% na dos negros (Op. Cit., p.7).

Num cenário como esse, de profundas desigualdades, de segregação espacial e racial, obviamente, surgem outros desequilíbrios que ameaçam, cotidianamente, a vida dos soteropolitanos, tais como a banalização da violência, a destruição das riquezas naturais, e a perda do seu patrimônio imaterial.

A Região Nordeste de Amaralina

A Região Nordeste de Amaraliana (RNA) pertencente à Região Administrativa VII da cidade de Salvador e é constituída pelos bairros da Santa Cruz, Vale das Pedrinhas, Nordeste de Amaralina e Chapada do Rio Vermelho, limitando-se à nordeste com o Parque da Cidade. Ocupa uma área de 203 hectares, de terreno acidentado, com uma população de 82.976⁴ pessoas, configurando uma densidade demográfica de 408 habitantes por hectares (hab/ha). Como um oasis, ao averso, a RNA faz fronteira com quatro bairros de classe média alta: Pituba, Itaigara, Amaralina e Rio Vermelho, onde a densidade demográfica é 82 hab/ha.

Com base no livro Memórias da Região Nordeste de Amaralina⁵, o espaço físico em que se desenvolveu a RNA, na primeira metade do século XX, era composto por quatro fazendas: Amaralina (antiga Fazenda Alagoas), Ubaranas, Pituba e Santa Cruz. Essas fazendas pertenciam, originalmente, à sesmaria Ilha de Itaparica. Com a falência do sistema de capitânicas hereditárias, os nobres portugueses tomaram posse das terras.

A gleba do Rio Vermelho, que abrangia toda a região do final de Ondina até a Praia de Armação, passou aos netos do Visconde do Rio Vermelho. Estes iniciaram um processo de urbanização através de uma sociedade por ações intitulada Cidade da Luz, dividindo as terras em seis fazendas: Fazenda Paciência, Fazenda Alagoas, Fazenda Santa Cruz, Fazenda Ubaranas, Fazenda Pituba e Fazenda Armação do Saraiva (TRAÇOS E LAÇOS, 2006, p.11).

Em 1932, a Prefeitura de Salvador aprova a criação dos loteamentos: Cidade Balneário Amaralina, Cidade da Luz (Pituba), e Ubarana, que se constituíram em regiões de veraneio para a elite baiana da época. Inicialmente formada por uma pequena colônia de pescadores, começa, a partir daí, uma ocupação marginal nas áreas das fazendas pela população pobre que vinha em busca de empregos. O primeiro núcleo populacional do Nordeste de Amaralina localiza-se na área do Loteamento Ubaranas, espaço hoje conhecido como Areal.

A ocupação, por outro lado, foi mais difícil nas áreas da Fazenda Pituba, que ia da orla até o bairro de Brotas, envolvendo a Santa Cruz e o Parque da Cidade. O administrador da fazenda, Sr. Joventino Pereira da Silva, ficou conhecido na Região por colocar capangas para proteger a propriedade (Op. Cit. p.18). O loteamento Santa Cruz foi proposto em 1951 obtendo aprovação da prefeitura em 1954.

⁴ Dados censitários do IBGE, 2000.

⁵ Memórias do Nordeste de Amaralina foi publicado em 2006 como resultado do Projeto de Memórias, coordenado por Maria Tereza Ramos no Programa Viva Nordeste. O livro integra a Coletânea Traços e Laços, material educativo composto ainda por um Guia de Orientação aos Professores, Postais, Cartazes, História em Quadrinhos, Videodocumentário, e Spots para Rádio. Esse material foi distribuído gratuitamente nas escolas da RNA e outras instituições sociais de Salvador.

A área desta Fazenda abrangia a extensão de terras que atualmente se conhece, na Região, por Chapada do Rio Vermelho e Alto da Chapada. Esta área apresentava uma situação fundiária mais complicada na época do loteamento, com 30% da área já invadida (Idem. p.19).

Dados da Secretaria Municipal de Planejamento e Meio Ambiente mostram que até 1944 apenas 1.320 pessoas residiam nessa área, passando, 10 anos depois, a ter 5.083 moradores. Houve uma intensificação na ocupação da RNA a partir da década de 1960 e 1970, modificando as características da região, até então rural e de povoamento esparso.

A taxa de ocupação era de 12%, em 1957, passando a 52%, em 1968. Até 1974, a RNA já estava totalmente ocupada, sendo os bairros do Vale das Pedrinhas e Chapada do Rio Vermelho os que foram ocupados na década de 70.

Os principais atrativos para a ocupação do Nordeste de Amaralina foram a pavimentação da via que ligava Amaralina à Pituba, ainda em 1949, facilitando o acesso, e o crescimento econômico da cidade, impulsionado pela criação da Petrobras, em 1953. Um dado interessante, é que “Estudo realizado em 1974 pela Escola de Arquitetura da UFBA indicava que 30% da população da região Nordeste de Amaralina era oriunda do Recôncavo Baiano” (Ibidem, p.21).

Nessa época, a Região se constituía na segunda maior invasão de Salvador, perdendo apenas para Alagados, no Subúrbio Ferroviário. Sem os serviços básicos, como esgoto, coleta de lixo, luz elétrica, transporte, a comunidade começa a se organizar desde cedo. Em 1957, nasce a Sociedade de Defesa dos Moradores do Nordeste de Amaralina e Adjacências, com caráter reivindicatório, que é fechada no período da ditadura militar, sendo posteriormente transformada na primeira escola comunitária da RNA: Creche Coração da Mamãe.

Na década de 1960, com a vinda da italiana Anna Sironi para a Região, inicia-se também uma organização de cunho católico, com a construção de duas igrejas, uma associação de moradores e uma escola comunitária. Além disso, cada pequena localidade na RNA era acompanhada por um casal de referência, responsável pelo acolhimento das famílias recém-chegadas, mobilização para comemorações coletivas, bem como o registro do número de moradores.

Em 1979, haviam cinco organizações comunitárias atuando: Sociedade União e Defesa dos Moradores do Nordeste; Sociedade Filarmônica 1º de Maio; Sociedade Beneficente e Cultural do Bairro do Nordeste de Amaralina; Sociedade Protetora dos Posseiros das Ubaranas; e Conselho Comunitário do Bairro do Nordeste de Amaralina (Plandurb, 1979 in Ibidem, p.29).

Além dos problemas já citados, a comunidade começa a enfrentar uma nova ameaça: as imobiliárias, interessadas na compra de “barracos” e áreas livres para construção de prédios. A especulação imobiliária e o crescimento desordenado da cidade, no entanto, também preocupavam os urbanistas, que junto às organizações locais, exigiram um controle maior por parte do poder público municipal.

A identidade da Região foi homologada através do Decreto-Lei nº 5.403/78, assinado pelo Prefeito Fernando Wilson, em 17 de junho de 1978, com a criação da Zona Homogênea Nordeste de Amaralina, que abrangia os quatro bairros. Esse decreto visava assegurar a criação de uma reserva ambiental, possibilitando um melhor planejamento urbano daquela área. Como se constata hoje, a certidão de nascimento não foi suficiente para garantir a cidadania do Nordeste de Amaralina.

A RNA nas estatísticas

A Região Nordeste de Amaralina possui uma topografia acidentada, caracterizada por morros e vales, ruas estreitas, sem áreas livres, nem espaços de convivência coletiva. As casas são simples e, em algumas localidades, com instalações bastante precárias. No geral, é boa a infra-estrutura, com ruas asfaltadas e saneamento básico. Em cada bairro existe um espaço central, que agrega o comércio local, com quitandas, lojas, mercearias e serviços. No Nordeste de Amaralina acontece aos finais de semana uma grande feira livre, que movimentava bastante o bairro e atrai visitantes.

Quanto ao serviço de transporte, existem pontos centrais de ônibus (finais de linha) nos “largos”, que também concentram o comércio, e, geralmente, os moradores precisam caminhar, de um bairro ao outro, para tomar a condução que melhor atende às suas necessidades. Essa prática, de circular entre os bairros, nem sempre é possível, pois existem fronteiras estabelecidas pelo tráfico de drogas que inibem ou até mesmo impedem o trânsito dos moradores, especialmente homens jovens.

A população da RNA, estimada em 82.976 moradores, é predominantemente afro-descendente e jovem. Com base nos dados do IBGE, 88% da população da RNA é parda ou negra, 49% das pessoas têm menos de 25 anos e apenas 9% da população têm idade acima de 55 anos. O percentual de mulheres na Região é de 57%, mantendo-se superior ao de homens em todos os bairros. A faixa mais populosa concentra-se entre os 10 e 19 anos.

Com relação à escolaridade, a situação da população é bastante preocupante. Apenas 38% dos moradores estão na escola, sendo que 61% ainda não completou o

Ensino Fundamental, correspondente a oito anos de estudo, e 24% sequer terminou as séries iniciais. A Região dispõe de 22 escolas públicas, 17 escolas e cinco creches comunitárias, para atender a um público estimado de 31.060 pessoas em idade escolar (0 a 19 anos)⁶.

De acordo com os dados fornecidos pela Secretaria de Educação estadual e municipal, o número de crianças e adolescentes atendidos pela rede pública em 2003 foi de 7.039. Comparado aos dados do Censo/2000, apenas 23% das crianças e adolescentes da Região estão matriculadas na escola pública e que o poder público atende apenas 5% das crianças em idade pré-escolar, 34% daquelas em idade de 1ª à 4ª série, 31% dos jovens em idade de 5ª a 8ª e apenas 25% dos jovens com idade de freqüentar o ensino médio.

Fica evidente, que o número de instituições de ensino disponível à população é insuficiente. No entanto, constata-se que são altas as taxas de evasão de quem conseguiu uma vaga para estudar. Isto revela que o problema da universalização da educação passa não apenas pela oferta, mas pela possibilidade de diálogo com a realidade local, sendo capaz de atrair e fixar esse público na escola.

Por outro lado, é preciso considerar também que embora pequeno o número de entidades de educação formal, não se pode perder de vista a presença considerável de outras organizações que também atuam no campo da formação do indivíduo, de maneira transversal, como as organizações comunitárias de cunho associativista, cultural e religioso. Segundo o cadastramento realizado pelo Conselho de Cultura Popular da Região Nordeste de Amaralina (CONCULT), em 2006, existem, pelo menos, 65 grupos culturais trabalhando na Região.

Essa comunidade pulsante, organizada politicamente, ou em busca de soluções coletivas, faz diferença, mas não consegue sozinha dá soluções para problemas estruturais, como o desemprego. O índice da População Economicamente Ativa com ocupação e renda é inferior ao da cidade de Salvador, considerada uma das capitais com maior número de desempregados. Na RNA, apenas 39% da PEA (32.627 pessoas) está empregado ou desenvolvendo atividades remuneradas.

Ainda que ocupados, a população da RNA possui um perfil de renda menor comparativamente à média de Salvador. Na Região, 36% dos chefes de família recebem menos de 1 salário mínimo por mês, e em 73% das famílias, os chefes recebem até 3

⁶ Dados recolhidos do Diagnóstico da Região Nordeste de Amaralina, feito pelo Programa Viva Nordeste.

salários mínimos. Em Salvador, apenas 29% dos chefes recebe menos de 1 salário, e apenas 51% dos chefes recebe até 2 salários.

O bairro mais pobre é Santa Cruz, onde o percentual de chefes com menos de 1 salário chega a 40%, e o percentual de famílias com renda superior a 10 salários é de 0%. Já o Nordeste de Amaralina encontra-se em melhor situação. Apenas 30% dos chefes está na faixa de até 3 salários, e 11% ganham acima de 10 salários. A Chapada do Rio Vermelho é onde, proporcionalmente, a contradição é maior: 39% estão abaixo de 3 salários e 33% estão acima de 10 salários.

Interfaces com a cidade

Pensar as relações entre a Região Nordeste de Amaralina e Salvador é, propriamente, refletir sobre as contradições que a cidade-metrópole enfrenta no mundo atual, mas também é a tentativa de resgatar para o Nordeste de Amaralina um outro lugar na cidade. Para além da imagem periférica, marginal, das mazelas sociais e da violência institucionalizada, anunciar uma vida comunitária em constante transformação, que se sustenta em bases simbólicas e na produção cultural de jovens negros, na eterna busca de nova uma identidade.

O agravamento da violência em Salvador estimulou a criação, em 1997, do Fórum Comunitário de Combate à Violência (FCCV), que reúne 74 entidades da sociedade civil, entre elas a Universidade Federal da Bahia, que desenvolve ações de pesquisa, mobilização, formação, etc., junto às comunidades populares da capital no intuito de investigar as causas e minorar os efeitos da violência, que passa a ser entendida como uma questão de saúde pública.

Pesquisa realizada pelo FCCV e associações comunitárias revela que a Região Nordeste de Amaralina encabeça as áreas onde o homicídio é a principal causa mortis. Em 2000, das 116 mortes por causas violentas ocorridas na Região, 34% ocorreram por homicídio. Numa escala crescente (56 casos em 1998 e 52 em 2001), esses homicídios vitimam principalmente jovens e adolescentes pobres (15 a 29 anos), negros ou pardos, com grau de instrução, predominantemente, limitado ao 1º grau.

As taxas de mortalidade por homicídio observadas para cada um dos estratos de condições de vida da população de Salvador indicam diferentes riscos de morte violenta na Cidade. No ano de 1991, a população que dispunha de capitais econômicos e cultural elevados (estrato 1) apresentou a taxa de 10,4, enquanto a população com capitais econômicos baixos (estrato 4), teve uma taxa de 30,3 por 100 mil habitantes. Em 1994, a variação ocorreu de forma semelhante, com 6,8 no estrato 1 e 34,7 por 100 mil habitantes no estrato 4. Ou seja, o risco de morte por homicídio das populações mais pobres aumentou de 3 para 5 vezes entre 1991 e 1994 (PAIM *in* LIMA, 2002, p. 318).

Para o sociólogo Gey Espinheira, o discurso da violência como uma característica natural das grandes cidades é uma falácia, na medida que expressa um resultado, não natural, da opressão social sobre uma grande parcela da população. Para o autor, os conflitos de classe ou etnia no Brasil não geram amplas revoltas, mas embates localizados, com a polícia, por exemplo, não deixando tão explícitas as motivações desses acontecimentos para a maioria da população.

A banalização da violência, com a qual a mídia contribui diariamente, busca apaziguar a sensação de insegurança das classes abastadas pela revolta das classes populares, muito embora essa fúria acabe vitimando, na maioria das vezes, os próprios pobres e negros.

Numa pesquisa recente, Espinheira desenvolveu uma tipologia para explicar os casos de violência urbana tomando como princípio as condições⁷ de vida das pessoas. O primeiro tipo é a *violência por necessidade*, que está diretamente ligada à exclusão social e à marginalidade. Por outro lado, a *violência desnecessária* é “aquela que se esboça em irrupções de intolerância e resulta em assassinatos por ‘motivos fúteis’. Nesses casos, o valor da vida está em baixa e desacordos inter-pessoais terminam na eliminação do outro” (2001, p.10). Para o autor, o segundo tipo de ato violento é motivado especialmente pelas diferenças, que podem ser de natureza variada.

No caso da Região Nordeste de Amaralina é importante pontuar que o alto índice de violência, especialmente, contra crianças e jovens, está profundamente relacionado a três elementos externos à comunidade, qual sejam: a ausência do poder público, a ação do tráfico de drogas, e o abuso de poder pela polícia.

Essa afirmação está ancorada nos resultados desta pesquisa-Ação, em que pude perceber, presencialmente, a enorme distância entre a imagem do Nordeste de Amaralina, construída cotidianamente na mídia, e na invisibilidade da cidade, como reduto de marginais ou “bolsão” de miséria, e sua real potencialidade de ser, através do capital social e cultural dos seus moradores.

Expressões da cultura local

Muito distante dos estereótipos, na RNA floresce, apesar das adversidades, uma produção cultural e artística genuinamente baiana, com fortes influências da matriz

⁷ “Condição traz em si as múltiplas formas concretas da existência interpessoal e subjetiva, a memória e o sonho, as marcas do cotidiano no coração e na mente, o modo de nascer, de comer, de morar, de dormir, de amar, de chorar, de rezar, de cantar, de morrer e ser sepultado”(BOSI, 1994, p.27 in ESPINHEIRA, 2001, p.15).

cultural afro-brasileira e do Recôncavo Baiano, de onde vieram boa parte das pessoas que migraram para a Região nas décadas de 1960 e 1970. Terreiros de Candomblé, samba, festas populares, capoeira, dança afro, hip hop fazem parte do repertório da cultura local.

A mata nativa e as fontes de água forneceram o ambiente ideal para a instalação dos terreiros de candomblé, cuja presença os moradores destacam em seus depoimentos. Ligada a mesma origem, se disseminou no bairro a prática da capoeira, com a presença muito forte da Capoeira Regional de Mestre Bimba (TRAÇOS E LAÇOS, 2006, p. 37).

Através do Programa Viva Nordeste, cerca de 100 moradores, além de mestres da cultura popular, professores, representantes de associações comunitárias e grupos culturais, puderam resgatar, através de relatos históricos, causos e lendas, traços da cultura do Nordeste de Amaralina. Neste livro, mas também nas peças de comunicação produzidas no Projeto Traços e Laços, é possível perceber a presença intensa dos moradores da RNA nas celebrações, festas e rituais da Cidade da Bahia. Por outro lado, algumas manifestações da cultura local também ganharam espaço no calendário cultura de Salvador, a exemplo da Festa de Yemanjá.

Terreiros de Candomblé

Um levantamento realizado pela Universidade Federal da Bahia em 1974 apontava a presença de 38 casas de candomblé na Região. Alguns anos depois, em 1978, a Oceplan registrou a presença de 29 terreiros, a grande maioria situada no Nordeste de Amaralina (Op. Cit, p.39).

O Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), da UFBA, em parceria com as Secretarias Municipais da Reparação e Habitação, realizaram em 2007 uma pesquisa que integra o Programa de Valorização do Patrimônio Afro-Brasileiro. A proposta é conhecer a realidade do culto afro na Bahia para desenvolver políticas públicas nas comunidades, a exemplo da regularização fundiária, legalização, e ações para diminuir o preconceito.

Segundo o Mapeamento dos Terreiros de Salvador existem 31 terreiros na Região. O Nordeste de Amaralina ainda lidera com 12 casas, seguido do Vale das Pedrinhas e Amaralina, com seis terreiros cada um. Na área da Chapada do Rio Vermelho só foram cadastrados três terreiros e na Santa Cruz, quatro. No total, são 17 da nação Ketu, dois Ketu-Jeje, um Ketu-Ijexá, cinco Angola, um Jeje, um Ijexá, dois da Umbanda, um Espírita Linha Branca e um de origem não informada.

O culto aos Orixás, assim como a prática da capoeira, era proibido na Bahia até a primeira metade do século XX. Na Região Nordeste de Amaraliana, os terreiros nasceram junto com o processo de povoamento, a partir da década de trinta. No Mapeamento, no entanto, foi identificado o Terreiro de Oxum, como o mais antigo da Região, fundado em 1906.

No plano místico da existência, os baianos brigam por seus nichos religiosos. A tradição de perseguição oficial ao candomblé é rica em casos de violência, só em 1975 se aboliu a obrigação de pedir licença à polícia para que os terreiros pudessem bater os seus atabaques (ESPINHEIRA *in* LIMA, 2002, p.25)

A presença dos terreiros, sem dúvida, forjou na comunidade valores, práticas e, até mesmo, funções sociais importantes para o desenvolvimento local, como o vendedor de folhas, que na ausência de remédios, contribuía para a saúde dos moradores, ao lado da mãe-de-santo e das rezadeiras, muito atuantes na Região até hoje.

As mães-de-santo eram responsáveis pela cura ritual, (...) mas as situações de menor gravidade podiam ser resolvidas pelas rezadeiras. Problemas como mau olhado, espinhela caída, apatia e outros do gênero eram objeto de uma limpeza espiritual realizada por algumas mulheres com esse dom. A rezadeira não era necessariamente ligada ao candomblé, e por isso era, às vezes, mais procurada por fiéis de outras religiões (Idem, p.104).

Outra profissão, que hoje é bastante valorizada, e está intimamente relacionada ao culto afro é a baiana de acarajé. Até a década de sessenta ainda era uma função social desprestigiada, discriminada, seja pela sua relação com o Candomblé ou por ser uma função geralmente exercida por mulheres negras.

Largo das Baianas de Acarajé

Maria Emília, baiana de acarajé, moradora do Nordeste de Amaralina e contrata pela Bahiatursa para levar o acarajé de Salvador em viagens à Europa, Estados Unidos, e outros países, conta a origem do bolinho mais cobiçado da Cidade da Bahia:

As negras, quando ganhavam alforria, algumas delas continuavam trabalhando nas casas das senhoras. Como elas estavam alforriadas, elas tinham condição de sair. Muitas delas eram escravas e queriam ganhar a alforria. (...) de tarde elas faziam o bolinho do acarajé, botava na ganela e saía mercando, pra que esse dinheiro juntasse pra comprar sua alforria. (...) O acarajé já era de Iansã. E justamente eram as mulheres de Iansã, ousadas, que Iansã nunca gostou de ficar presa, e aí fazia isso pra ter a sua liberdade. (...) Só quem vendia era mulheres de Iansã e de Xangô (Maria Emília Bittencourt *in* Ibidem, p.96).

De forma natural, o acarajé foi se tornando uma função apreciada pelas mulheres da RNA, que geralmente exerciam funções domésticas, como lavadeiras, arrumadeiras,

cozinheiras, babás, etc. Segundo os moradores, o Largo das Baianas de Acarajé surgiu de forma espontânea. Com a freguesia crescente, elas foram se agrupando no ponto de ônibus em Amaralina. Depois, houve o interesse da Prefeitura em construir um quiosque, que ficou conhecido como Largo das Baianas, que já reuniu 32 baianas de acarajé. O Largo das Baianas tornou-se cartão postal de Salvador e entrou para os pontos turísticos oficiais da cidade.

No entanto, essa época passou e atualmente o Largo passa por mais uma reforma. As baianas têm que buscar novos pontos de venda e outro problema é apontado pelas mais antigas como motivo para a decadência e falta de prestígio, atual, das baianas de Amaralina na cidade.

A gente tinha prazer em fazer acarajé bem feito. Era aquela disputa, cada uma queria fazer melhor, porque a clientela era muito boa, não tinha a Dinha, não tinha Cira, não tinha ninguém. (...) O que aconteceu? Essas baianas foram morrendo, (...) algumas foram se aposentando. As que tem filha que deu continuidade, faz um acarajé bom. Mas a que foi (substituída por) empregada, aquela coisa de terceirizar, acabou a Amaralina (Maria Emília, *ibidem*, p.99).

A prática familiar e também o envolvimento das baianas com o Candomblé, com as manifestações culturais, conferiam qualidade ao trabalho e satisfação pessoal. As baianas de Amaralina também tinham um lugar cativo nas principais festas populares de Salvador, compondo a ala de frente dos cortejos da Lavagem do Bonfim, Yemanjá e Itapuã.

Festas Populares

A comunidade do Nordeste de Amaralina nasceu como uma colônia de pescadores e essa origem influenciou de maneira significativa as suas principais celebrações coletivas. Segundo o historiador Cid Teixeira, a Festa do Rio Vermelho tem início em 1923 capitaneada por 25 pescadores que decidiram entregar um presente à Yemanjá pela falta de peixes.

Em Amaralina, a tradição do presente começou na década de 70, depois que a construção do emissário submarino no Largo da Mariquita forçou a mudança de local da Colônia de Pescadores do Rio Vermelho. Na discussão do novo local, o grupo se dividiu: uma parte migrou para o Largo de Sant'Anna, no próprio bairro, e outra parte fez assento no Largo de Amaralina (*Ibidem*, p. 67).

Com a separação, a celebração em Amaralina só começa a ganhar maiores proporções na década de 1980, com a criação da Lavagem de Amaralina, porém a Festa do Rio Vermelho, até hoje, é uma das mais aguardadas pela comunidade, que participa

levando pequenos grupos de samba, promovendo rodas de capoeira, e entregando seus presentes.

Outra comemoração importante era a Festa da Pituba, realizada pela comunidade junto com a colônia de pescadores, contando o apoio de comerciantes locais. Compreendia três momentos: a novena que era realizada na igreja Nossa Senhora da Luz, na Pituba; a procissão da areia, em que os moradores saíam caminhando da Pituba até o Costa Azul para pegar “materiais” e ornamentar a festa; e as comemorações com música, dança e comidas. A Festa da Pituba foi se tornando, gradativamente, mais difícil de acontecer até ser extinta do calendário de festas.

Além dessas, as celebrações de Ternos de Reis, que aconteciam no Rio Vermelho e, até hoje, são realizadas na Lapinha, a Festa de São Jorge, bem como as festas ritualísticas do Candomblé para Oxalá, Yemanjá, Erês, Oxossi, Iansã, Xangô, Oxum, Marujo, entre outros, compõem a memória cultural da Região.

Gey Espinheira, assim como Antônio Risério – que estuda a reafricanização no Carnaval da Bahia –, percebem a festa na cultura baiana, como elemento identitário, mas também de resistência e afirmação do povo afro-descendente, como explica no trecho abaixo:

(...) o que esperar de pessoas que passavam quase todo o tempo sob a vigilância de olhos aguçados e mãos castigadoras? A única forma de fugir, ainda que metaforicamente, da escravidão era o jogo, a galhofa e a presepada; nas oportunidades de festas de igrejas, nos batuques, nas danças. Nos raros momentos de folga, a lascívia, as danças, as festas, a luxúria. As festas são assim, como o brinquedo do negrinho, invenções de liberdade, mas também campos de representação de identidade e de afirmação social. Essa tensão e, ao mesmo tempo, distensão, marcou profundamente o modo de ser do baiano (ESPINHEIRA *in* LIMA, 2002, p.29).

Desta forma, também na Região Nordeste de Amaralina, a festa cumpre um importante papel na sociabilidade das pessoas e na assimilação das diferenças, através do sincretismo, por exemplo.

Samba

A expressão da musicalidade local está intimamente relacionada à sua origem africana, às influências do Candomblé e da Capoeira. Este cenário é associado, ainda, à migração de uma população oriunda do Recôncavo Baiano, berço do samba-baiano. Desde os anos 60, a região apresenta-se como um centro de irradiação de sambistas e compositores de expressão na cena musical baiana e até mesmo nacional, a exemplo de Neguinho do Samba (Ilê Ayê e Olodum), Paulinho Camafeu, Alaor Macedo

(compositor da Escola Acadêmicos do Salgueiro), Ederaldo Gentil, este último parceiro de Capinam, entre outros.

Os compositores mais antigos foram revelados no carnaval baiano, durante a década de 60, com a Escola de Samba Diplomatas de Amaralina, que desfilou por oito anos, sendo cinco vezes campeã. Com o declínio das escolas de samba, a RNA não deixou de difundir o samba na comunidade, surgindo então os grupos de samba junino. “O primeiro grupo junino da RNA foi o Samba Boqueirão, criado em 1968 por Beto Boqueirão, e que ainda hoje é ativo. O Samba Boqueirão reunia-se no Areal e chegou a contar com cerca de 600 participantes” (TRAÇOS E LAÇOS, 2006, p.56).

Os grupos realizam competições locais de samba enredo dos grupos juninos. Algumas músicas premiadas, acabaram sendo incorporadas ao repertório de sucesso da Axé Music, como “Vem meu amor”, gravada por Ivete Sangalo, composta por George Silva Almeida e Guil, do Samba Charme; “Revoluções”, compostas por Cinho e Sérgio, do Unidos do Capim; “Abre a roda, morena”, de Joccylee, foram imortalizadas nas vozes de Daniela Mercury e Sarajane, respectivamente (Idem, p 58).

Os sambas junino, além de revelar talentos e fomentar a produção musical, também contribuía para o lazer e a integração das pequenas comunidades dentro da Região, como mostra o compositor Marrom:

Naquela época, 1996/97, a comunidade do Nordeste, em geral, ficava esperando o São João pra que pudesse sair no seu samba. E essa coisa também é peculiar, porque a comunidade gostava de sair no samba de sua localidade, que era pra no percurso a gente se encontrar com outras localidades. Aí tinha aquela confraternização, parávamos, aqueles dois grupos se encontravam para abraçar, apertar as mãos, tomar uma cerveja juntos, comer um amendoim tal (Jorge Bonfim, Marrom *in* Ibidem, p.60).

Em 1996, eram 52 sambas organizados que realizavam ensaios, promoviam festas, geravam renda para os músicos e alimentavam o imaginário da comunidade. Porém, alguns sambas cresceram, outros tiveram seus músicos incorporados à indústria cultural, e a maioria já não dispunha de recursos para manter a festa. A falta de incentivo público, aliado ao sucesso pontual de alguns músicos, fez com que os sambas terminassem. Mas corroborou com isso também o receio da população de transitar pelas ruas, já que a década de 90 foi a época em que se intensificou o tráfico de drogas na Região.

A Fundação Cultural do Estado da Bahia, através Projeto População Cultural, tentou reanimar o movimento dos sambas juninos em 2003, não tendo muito sucesso, já que os grupos, após oito anos de estagnação, já estavam desarticulados e a população já não se sentia tão segura nas ruas.

Capoeira de Mestre Bimba

Como mencionamos anteriormente, a capoeira era uma das práticas culturais do povo negro proibidas pelo Estado. Quando um capoeirista era pego, isso podia lhe causar a morte, já que era arrastado em grande velocidade até o quartel da polícia. Diante disso, pensando em tornar a capoeira mais respeitada e, ao mesmo tempo, mais forte contra os oponentes, Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba) desenvolveu a Luta Regional Baiana, hoje conhecida como Capoeira Regional, com golpes, movimentos e posturas inspiradas na luta marcial.

O distinto capoeirista além de morar na RNA, onde possuía quatro casas no Nordeste de Amaralina e Alto da Santa Cruz, montou uma academia na localidade do Sítio Caruano, por volta da década de 50. A academia funcionou até 1972, quando Bimba deixou a Bahia e veio a falecer na mesma década. No Nordeste, Bimba fazia a formatura dos alunos e, aproveitando a área verde, desenvolveu a pós-graduação, que consistia na emboscada planejada, onde o capoeirista testava sua força e habilidades.

Dois dos principais mestres que atuam ainda hoje na Região foram formados por Bimba: o Mestre Boa Gente e o Mestre Bozó, que formaram, por sua vez, boa parte dos novos mestres e professores que tornam a capoeira uma expressão fortíssima da cultura da Região (Idem, p. 48).

Na década de 70, sobretudo após a morte do mestre, outros alunos de Bimba se agregaram ao esforço de continuação da capoeira regional, como é o caso de Mestre Boa Gente, Mestre Brás Amansa Bravo, Mestre Sucuiuba, Mestre Augusto, Mestre Côco Velado, e Bozó Branco. Importante também nesse momento inicial da capoeira local foi Mestre Cobrinha Verde que, embora tendo sido aluno de Bimba, era adepto da capoeira angola, que ensinava no Vale das Pedrinhas (Idem, p.52). Segundo o levantamento do Conselho de Cultura Popular da RNA (CONCULT), existem hoje na Região três articulações que congregam mais de 30 grupos de capoeira Regional e Angola.

Visibilidade e invisibilidade⁸

A cidade revela-se aos nossos olhos de forma multifacetada. Não é possível tomá-la completamente, tanto pela sua complexidade, quanto pela subjetividade inerente ao nosso “olhar”. No entanto, é sempre mais “agradável” a Salvador das

⁸ Essa abordagem é inspirada nas palestras do bloco “A cidade invisível”, do Projeto Quem Faz Salvador.

belezas naturais e das festas de rua, supostamente democráticas, por isso, ela se torna mais visível nos meios de comunicação. As feridas abertas da cidade-metrópole, como os altos índices de desemprego, de violência, de pobreza, são maquiadas e, vez por outra, discutidas como seriedade.

De acordo com o geógrafo Ângelo Serpa, a noção de centro e periferia revela as desigualdades sociais, já que periferia está, atualmente, associada a bairros com população de baixa renda, porém não reflete as diferenças. “O desigual é melhor ou pior. O diferente é apenas diferente. Descentralizar também significa buscar soluções de consenso entre os diferentes agentes e grupos, sem hierarquizar as diferentes vontades e identidades (SERPA *in* LIMA, 2002, p. 295).

As periferias da cidade, distantes não só espacialmente dos centros econômicos e políticos, tornam-se trincheiras sociais difíceis de transpor. E, como explica Serpa, essa configuração do espaço urbano limita a diversidade cultural, importante aspecto para o desenvolvimento de Salvador. O ônus da desigualdade é coletivo, sem dúvida, porém ele continua atingindo mais fortemente as mesmas parcelas da população.

O Nordeste de Amaralina representa, dentro da extensão mais ampla da cidade de Salvador, uma “mancha incômoda”, encravada no meio de “enclaves fortificados”. O que o separa dos chamados bairros nobres que lhe fazem fronteiras são, para além de suas características sociais, os muros e as tecnologias de segurança (OLIVEIRA, 2006, p.63).

Essa imagem, atrelada ao de Região mais violenta da cidade, confere aos moradores da RNA baixa-estima, dificuldades de acesso ao trabalho, isolamento territorial, entre outros problemas. No entanto, como vimos anteriormente, a dinâmica cultural gerada nessa comunidade incide positivamente na vida da cidade, não gerando, no entanto, benefício diretos para aquele coletivo. Com isso, chamamos em causa um aspecto observado por Gey Espinheira, que revela o racismo velado na nossa sociedade.

A interdependência, conseqüência da interpenetração cultural, construiu um tipo específico de cultura (no sentido assumido por Geertz), que permite fazer uma distinção entre o social (como os indivíduos se contextualizam na estrutura social) e o cultural (construções simbólicas que operam como mercadorias no mercado da indústria lúdico-cultural e no mercado dos “bens simbólicos de cura e salvação”), como se essa última acepção de cultura (o cultural) adquirisse um grau de autonomia, deslocado, portanto, daquele outro, o social, no pleno domínio do simbólico (ESPINHEIRA *in* LIMA, 2002, p. 25).

Para o sociólogo, o espaço da cultura, visto de forma descolada do social, é mais acessível ao povo afro-descendente, gerando uma identidade positiva, porém atrelada sempre ao espetáculo.

(...) o negro artista é 'aceito' como artista, mas não como sujeito; ou seja, sua identidade individual é dissociada da de artista e, como essa é intransferível e só eventualmente expressa, só é plena no campo cultural específico, quando exercitada. Em outros termos, é aceito pelo que faz, não pelo que é (Op. Cit., p.27)

Sem dúvida, o povo negro das periferias, a exemplo dos moradores da RNA, busca, através das expressões artísticas e manifestações culturais, acessar outros espaços da cidade e construir uma identidade positiva, que facilite a sua ascensão na sociedade. Porém, pensar a cultura para o desenvolvimento das comunidades afro-descendentes, como observamos na experiência do Programa Viva Nordeste, vai além da promoção da inclusão social pela arte, que normalmente gera mudanças pontuais ou uma aceitação instantânea, que se perde com o evento. Ela pressupõe transformações profundas, que vão desde a construção de uma identidade comum, que requalifica a presença dessas pessoas na sociedade, até a construção de novos parâmetros de participação social.

Referências bibliográficas

- Autores

BRANDÃO, Maria de Azevedo. Salvador: da transformação do centro à elaboração de periferias diferenciadas. In: LIMA, Paulo Costa (coord.). **Quem faz Salvador**. Salvador: UFBA, 2002. p.151-161

CÂMARA, Marcos Paraguassu de Arruda. Os construtores do discurso sobre a cidade invisível. In: LIMA, Paulo Costa (coord.). **Quem faz Salvador**. Salvador: UFBA, 2002. p. 17-20

CASTELLS, M. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. **O poder da identidade**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v.2.

ESPINHEIRA, Gey. A cidade invisível e a cidade dissimulada. In: LIMA, Paulo Costa (coord.). **Quem faz Salvador**. Salvador: UFBA, 2002. p.24-34

_____. Sociabilidade e violência na vida cotidiana em Salvador. **Bahia Análise & Dados**, v.11 n.1, Salvador: SEI, Junho 2001, p.08-16.

_____. e SOARES, Antônio Mateus de Carvalho. Pobreza e marginalização: um estudo da concentração e da desconcentração populacional nas metrópoles latino-americanas: o caso de Salvador, no Brasil. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, ABEP, Caxambú- MG, 2006.

GARCIA, Antônia. Movimentos sociais na cidade d'Oxum. In: LIMA, Paulo Costa (coord.). **Quem faz Salvador**. Salvador: UFBA, 2002. p.251-257

OLIVEIRA, Milena Conceição. **O Nordeste de Amaralina na visão de seus jovens moradores**: a influência da mídia no processo de construção social do bairro. 2006, 77p. Monografia de conclusão de curso: Comunicação Social – Relações Públicas, Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2006.

PAIM, Jairnilson Silva. Margens de Salvador: violência e desigualdades sociais no espaço urbano. In: LIMA, Paulo Costa (coord.). **Quem faz Salvador**. Salvador: UFBA, 2002. p. 317-319

ROCHA, Carlos Luiz. Salvador, espaço de reprodução da globalização perversa: plataforma no centro do debate da cidade (in)visível. **Diálogos Possíveis**. Salvador:

Faculdade Social da Bahia, 2004. Arquivo disponível no endereço eletrônico: << www.fsba.edu.br/dialogospossiveis/artigos/6/04.pdf >> Acesso em janeiro de 2008.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. A sociabilidade glocal em Salvador. In: LIMA, Paulo Costa (coord.). **Quem faz Salvador**. Salvador: UFBA, 2002. p.74-80

SANTOS, Luiz Chateaubriand Cavalcanti dos. Lições de desigualdade: instrução, raça e oportunidade de trabalho em Salvador. Salvador, 2000. Arquivo disponível no endereço eletrônico: <www.sei.ba.gov.br>> Acesso em janeiro de 2008.

SERPA, Ângelo. Margens de Salvador: a produção do espaço periférico metropolitano. In: LIMA, Paulo Costa (coord.). **Quem faz Salvador**. Salvador: UFBA, 2002. p.295-303

SERRA, Ordep. Feições da cidade: breve reflexões à margem do Programa Quem Faz Salvador. In: LIMA, Paulo Costa (coord.). **Quem faz Salvador**. Salvador: UFBA, 2002. p. 21-23

SOUZA, Tatiane dos Santos. Novo olhar sobre a Região Nordeste de Amaralina – os impactos das ações culturais do Programa Viva Nordeste. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, III, 2007, Faculdade de Comunicação/ UFBA. **Anais do III ENECULT**, Salvador, 2007. CD Rom.

TEIXEIRA, Elenaldo. Movimentos sociais urbanos em Salvador: um mapeamento. In: LIMA, Paulo Costa (coord.). **Quem faz Salvador**. Salvador: UFBA, 2002. p.245-250

TRAÇOS E LAÇOS – Memória da Região Nordeste de Amaralina. Secretaria do Trabalho, Assistência Social e Esporte, Programa Viva Nordeste, Hora da Criança, Projeto Unindo Talentos. Salvador, 2006.

- Documentos

SECRETARIA DO TRABALHO, AÇÃO SOCIAL E ESPORTES (SETRAS). Pré-Diagnóstico da Região do Nordeste de Amaralina. Salvador, 2004. 12p.

SECRETARIA DO TRABALHO, AÇÃO SOCIAL E ESPORTES (SETRAS). Projeto Executivo Programa Viva Nordeste, 2003. 85p

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO 2004. Liberdade Cultural num mundo diversificado. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), 2004. Disponível no endereço eletrônico: << <http://hdr.undp.org> >> Acesso em janeiro de 2008.

- Sites

Centros de Estudos Afro-Orientais (CEAO) – www.terreiros.ceao.ufba.br

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais (SEI) <<www.sei.ba.gov.br>> Acesso em janeiro de 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) <<<http://www.ibge.org.br/>>> Acesso em janeiro de 2008.